

O DOCE LUAR DA PRIMAVERA

**Copyright © 2016 por Guto Cruz**

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

*Capa*

Foto e design por Karine Mendonça

*Projeto gráfico*

Karine Mendonça

*Revisão*

Cibele Louise Pruner Frahm

Natália Mendes

*Ficha catalográfica*

Charles Rodrigues CRB 14º/870

---

C957d

Cruz, Guto

O doce luar da primavera / Guto Cruz. Itajaí  
(SC): Acene, 2016.

111 p.

1. Contos - Itajaí (SC). 2. Poesias - Itajaí (SC).  
Literatura catarinense. II. Título.

CDU 82-34:82-1(816.4)

---

[ 2016 ]

Todos os direitos desta edição reservados à

ACENE EDITORA

Rua José Cândido, 598

88305-070 - Itajaí - SC

[www.aceneditora.com.br](http://www.aceneditora.com.br)

GUTO CRUZ

O DOCE LUAR DA  
PRIMAVERA



# PRÉ-PREFÁCIO

Eu tinha quase 16 e a minha mãe sempre dizia que, quando eu escrevesse um livro, deveria colocar no prefácio aquela canção do Sérgio Britto, gravada pelos Titãs, que fala que *o acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído*.

No entanto, na verdade, meu eu-lírico cantava versos do Nenhum de Nós – aos prantos – soluçando aos avessos:

*Ninguém me compreendia e eu não  
compreendia ninguém.*

Estava decidido. A música que mamãe sugeriu seria o prefácio do meu primeiro livro – sim, eu sempre quis escrever um livro. Na verdade, estava na minha listinha de *100 coisas para fazer antes de morrer*. Era uma meta de vida – desde muito antes dos dezesseis. Com Epitáfio selecionada para introduzir minhas palavras, eu só sabia de algumas coisas que eu deveria fazer para escrevê-lo:

- a) Amar mais;
- b) Chorar mais;
- c) Ver o sol nascer;
- d) Arriscar mais;
- e) Errar mais;
- f) Fazer tudo o que eu realmente queria fazer;
- g) E aceitar as pessoas como elas são.

Pensando assim, concordei que, antes de qualquer coisa, era preciso aceitar a mim mesmo, como sou.

Mas

Quem sou eu? – saudades Orkut.

Que mistério. Que busca! O Mundo de Sofia não me respondeu. Se o único mistério é que realmente haja quem pense no mistério, talvez não seja a hora de pensar nas razões, mas nos fins.

E eu precisava decidir. Quem sabe fosse cedo para um rapazinho com sol em leão – mas com ascendente em libra – pensar algumas coisas por si mesmo e escolher seus próprios caminhos. Entretanto, com um pouco de insanidade e sorte, saí andando distraído por aí, contando que – sim – o acaso me protegeria.

*Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares*

Ana Cristina Cesar

Se me permitem sonhar,



permito-me realizar.

# A BALA SEM AÇÚCAR

Naquela manhã gelada, despertei antes mesmo do celular. O que realmente não era nada comum para uma pessoa como eu, que não abria mão de nem um minuto de sono. Mas, naquele dia, aconteceu diferente: acordei estranhamente disposto, levantei, preparei um chocolate morno, tomei um banho quente, revisei os planos de aula, conversei com minha gata e estiquei o edredom sobre a cama – logo naquela noite em que havia custado tanto a pegar no sono, planejando a viagem que faria nas férias de fim de ano. Escolhi usar um suéter que já havia esquecido no armário e pensei em como fui idiota por deixá-lo lá, guardado por tanto tempo, sendo que vestia tão bem. Resolvi então que deixaria o carro na garagem e tomaria um ônibus como nos velhos tempos. Deixei os fones de ouvido na mochila, dei uma centena de passos até a esquina e fiquei sentado no meu velho ponto, em frente à praia, apenas ouvindo o barulho das ondas e saboreando minha nicotina mentolada.

Passsei a catraca e havia um banco vago na janela. Fiquei ali admirando a paisagem. O sol beijava as águas

de uma forma tão brusca que sua cor se espalhara por todo o horizonte. Tudo aquilo refletia em meus olhos castanhos – naquele momento eram mel. Vários estudantes adentravam o ônibus, e já era um lugar lotado, mas nem sequer prestei atenção aos rostos que habitavam o mesmo ambiente que meu corpo. Saltei no ponto mais próximo à escola em que trabalhava e fui andando até lá.

Logo que o sinal soou, encaminhei-me em direção aos alunos que me esperavam em fila indiana – uma das minhas alunas tomou minha bolsa e fomos para a sala. A manhã seguiu normal e tranquila. Como sempre, ao passar dos minutos, a sala de aula ficava mais agitada, e, às vezes, era necessária uma pequena elevação da minha voz.

Finalmente a manhã se encerrou e fui atrás de almoço. Atravessei a rua e segui até a conveniência do posto de gasolina – comer aquela coxinha me fazia sentir água na boca só em pensar. Pedi duas e, claro, uma latinha de Coca-Cola estupidamente gelada. Este foi meu almoço: fritura, refrigerante, ketchup e solidão. Na televisão, passava esse lixo comercial e industrial que comemos desde pequenos e que nos fez deixar os deveres de casa para depois.

Tentei ligar para minha mãe e lembrá-la que ela precisava depositar o dinheiro do meu aluguel o quanto antes, pois o prazo para o pagamento já estava esgotando, mas o celular dela – pra variar – estava fora de área.

Saí dali e resolvi passar no mercadinho da esquina. Quase fui atropelado.

Entrei.

Peguei uma revista que trazia uma matéria de capa sobre educação e um punhado de balas de iogurte que seria o suficiente para lotar meu bolso e que, provavelmente, durariam até o anoitecer.

Se aquelas crianças famintas não avançassem em mim.

Aguardei na fila do caixa em que uma simpática senhora estava sendo atendida. Ela parecia ter dificuldades em contar as moedas e, ao mesmo tempo em que achei a cena fofa, dei umas risadinhas daquilo.

Na hora em que estava sendo atendido percebi certa movimentação estranha no mercado.

Não tive tempo de notar de quem se tratava, mas logo ouvi gritos masculinos impondo silêncio.

PUTZ!

Eu estava no meio de um assalto!

Se fosse em meus tempos de estudante, alguns amigos diriam:

“Bino, é uma cilada!”.

Três homens portando armas de fogo, usando moletons surrados com capuz, renderam a funcionária do caixa três e ordenaram que todos os clientes deitassem ao chão.

Eu não sei o que passou pela minha cabeça, como um instinto involuntário, saí correndo em direção à porta de saída, que estava próxima.

Depois disso, lembro apenas de um forte ruído.

Meus joelhos, forçadamente, prostraram ao chão e meu corpo atirou-se àquele piso branco em uma fração de segundo.

Minhas mãos que carregavam as balinhas de iogurte abriram-se fazendo com que se espalhassem a minha frente, mas apenas uma bala foi suficiente para fazer meu sangue escorrer.

Uma bala fatal.

Os olhos reviraram lentamente e nada se passava pela minha cabeça naquele instante. Nenhum filme contando minha história; nenhuma das músicas preferidas; nenhuma pessoa confiável para me pôr nos braços e fechar meus olhos.

Nada dessas coisas que dizem os filmes.

Apenas uma escuridão tomando conta da minha visão turva e uma dor que jamais senti.

Eu estava morrendo e não podia fazer nada para impedir aquilo. Morria frustrado por ter uma morte tão banal. Um fim tão rápido, sem nem ao menos ter oportunidade para “as últimas palavras”. Aquelas palavras em que aproveitaria para pedir perdão às pessoas que não tive coragem, para confortar uma dúzia de gente que choraria a minha partida.

Se eu soubesse que aquela sexta-feira seria a última da minha vida, talvez eu tivesse dado um beijo no rosto dos meus amigos que moram comigo antes de sair de casa. Teria deixado separado um exemplar de O Pequeno

Príncipe para minha mãe – assim, todas as vezes que ela o lesse, lembraria que bastava olhar as estrelas para ouvir o som do meu gargalhar. Se eu soubesse, teria dito para meu irmão que mesmo em um relacionamento nota cinco, eu o admirava – por ser um homem que nunca fui, por ter construído uma família encantadora. Teria abraçado minha irmã e dito que chegaria ao céu e – assim que chegasse – mandaria o anjo mais lindo que habita o paraíso direto para o seu ventre. Deixa, deixa. Teria ligado para meu pai dizendo que o amo, em vez de cobrar a pensão. Se eu soubesse, teria separado um pertence para cada amigo querido.

Eu não fazia a mínima ideia de que justo naquela sexta-feira (uma sexta-feira, assim como o dia que eu nasci) eu seria assunto no noticiário das sete e inúmeras famílias, tomando cafezinho sentadas no sofá, diriam que a violência está incontrolável – que país é esse, né?

Eu não tive nem a chance de desmarcar os compromissos que assumi para a semana. Ninguém me avisou, ninguém nem ao menos alertou, me preparou.

Terminei com o corpo violado, com um suéter tão bonito perfurado, assim como um coração, que era recheado de sentimentos, e que hoje carrego apenas em minha alma que descansa.

Não sabia que junto com aquela bala que se perdeu naquele mercadinho de esquina, estavam se perdendo os inúmeros sonhos que deixei de realizar, os filmes que não

assisti no cinema, as festas que não poderia mais frequentar. Perdiam-se ali, também, as ideias que não proclamei, os pores do sol que não assisti e a chance de ter lutado por tudo o que queria.

Eu queria tanto a estrela da manhã, as águas de março e o vento ventando. Mas, agora, é o fim da ladeira; o fim da canseira. Muita coisa estava se perdendo, não era apenas uma bala perdida.

Não é justo que minha vida tenha se perdido. Durante toda ela vivi com intensidade – justamente para não perder nada –, agarrando tudo o que estava ao meu alcance. Mas o que viria depois daquele instante? O primeiro verme roendo as frias carnes do meu cadáver.

Era apenas uma pequena balinha sem açúcar.

Minha alma hoje respira em algum lugar de paz, enquanto meu corpo descansa debaixo de tais dizeres de mármore, adaptados do verso de Álvares de Azevedo, suficientes para resumir tudo: Foi menino – sonhou – e amou a vida.